

Decio Gurfinkel

Relações de objeto

A photograph of several wooden blocks arranged in a geometric pattern on a wooden surface. The blocks are light-colored wood with visible grain and are arranged in a way that suggests a 3D structure, possibly a pyramid or a similar geometric form. The background is a blurred wooden surface.

Blucher

RELAÇÕES DE OBJETO

Decio Gurfinkel

Relações de objeto

© 2017 Decio Gurfinkel

Editora Edgard Blücher Ltda.

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4ª andar

04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

contato@blucher.com.br

www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme
5. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua
Portuguesa*, Academia Brasileira de Letras,
março de 2009.

É proibida a reprodução total ou parcial por
quaisquer meios sem autorização escrita da
editora.

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard
Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Gurfinkel, Decio

Relações de objeto / Decio Gurfinkel. – São
Paulo : Blucher, 2017.

568 p.

Bibliografia

ISBN 978-85-212-1217-1

1. Psicanálise 2. Relações objetais (Psicanálise)

I. Título.

17-0855

CDD 150.195

Índice para catálogo sistemático:

1. Psicanálise

Conteúdo

“Manter teso o arco da conversa” Renato Mezan	9
Introdução	35
1. Da pulsão à relação de objeto	57
<i>O pulsional e o relacional: dois “modelos” fundamentais</i>	58
<i>Várias psicanálises em uma?</i>	64
<i>Por uma epistemologia regional da psicanálise</i>	67
<i>Psicanálise freudiana, psicanálise depois de Freud</i>	71
<i>Afinal, quantos paradigmas?</i>	77
<i>E quais novos paradigmas?</i>	81
<i>O “efeito Winnicott”: virtudes e desvios</i>	87
<i>As relações de objeto e as matrizes clínicas... em Freud!</i>	93
<i>A “era das escolas” e a complexidade da psicanálise contemporânea</i>	105
<i>A dialética continuidade/transformação e o progresso da psicanálise</i>	115

PARTE I

Fundações

2. Abraham: da ordem pré-genital à psicanálise do caráter	129
<i>Uma ordem pré-genital</i>	129

<i>Nasce uma “psicanálise do caráter”</i>	132
<i>Caráter e teoria da libido: Abraham faz história</i>	135
<i>O estudo do caráter na era pós-freudiana</i>	144
<i>A psicanálise do caráter e as relações de objeto</i>	147
<i>Abraham: precursor das relações de objeto?</i>	151
3. Ferenczi: a criança e o cuidado	159
<i>O cuidado da criança: saúde e doença</i>	160
<i>A técnica em questão: frustração ou relaxamento?</i>	169
<i>A ética do infantil: uma revisão</i>	181
<i>O traumático na constituição psíquica e na situação analítica</i>	189
<i>A sexualidade infantil e a teoria pulsional em Ferenczi</i>	197
<i>A regressão em análise e as controvérsias sobre a técnica</i>	203
<i>A introjeção e a formação do Eu</i>	211
<i>Thalassa e a metapsicologia do princípio regressivo</i>	222
<i>Ferenczi, pioneiro das relações de objeto?</i>	231
PARTE II	
<i>O edifício</i>	
4. Balint: regressão e falha básica	245
<i>De Budapeste a Londres: uma trajetória singular</i>	246
<i>A regressão: recapitulação e reenunção</i>	253
<i>A falha básica: um conceito-chave</i>	264
<i>Balint e Ferenczi: uma herança direta</i>	273
<i>Winnicott e Ferenczi: heranças e paradoxos</i>	282
<i>O legado de Balint</i>	291
5. Fairbairn e a busca de objeto	297
<i>Uma trajetória excêntrica</i>	298
<i>Busca de prazer, busca de objeto</i>	301
<i>Reconstruindo a metapsicologia freudiana: teoria do desenvolvimento e psicopatologia</i>	309

<i>A “estrutura endopsíquica”: uma nova tópica</i>	317
<i>Fairbairn, Klein e Winnicott</i>	325
<i>Difusão em fogo lento</i>	332
<i>Isolamento e confrontação</i>	340
<i>O legado de Fairbairn</i>	347
6. Winnicott e a transicionalidade	357
<i>Da pediatria à psicanálise</i>	358
<i>A invenção da transicionalidade</i>	369
<i>Wulff: um contraponto inesperado</i>	373
<i>Transicionalidade e relações de objeto</i>	382
<i>“Clínica da dissociação”</i>	385
<i>Dissociação e psicose</i>	390
<i>Uma nova matriz clínica?</i>	402
<i>Psicopatologia e contexto relacional</i>	404
<i>Bate-se numa criança, agora com Winnicott!</i>	413
<i>O conceito de saúde</i>	425
<i>O viver e a criatividade</i>	429
<i>Saúde e cuidado: família, escola e sociedade</i>	432
<i>Winnicott: entre o si-mesmo e o encontro com o outro</i>	446
<i>O neto de Freud</i>	454

PARTE III

Debates

7. As pulsões revisitadas	461
<i>A libido, o eu e o self</i>	462
<i>Winnicott e as pulsões: uma releitura</i>	466
<i>Excitação e trabalho de simbolização</i>	468
<i>O princípio regressivo, a pulsão de morte e a “solidão essencial”</i>	473
<i>Inato ou adquirido?</i>	476
<i>A etiologia da psicose: Bion e Winnicott</i>	480
<i>O “combate ao inatismo” e a pulsão de morte</i>	493

8. Busca de objeto?	501
<i>Balint critica Fairbairn: a busca de prazer subsiste!</i>	503
<i>Os “modelos mistos” e a psicanálise contemporânea</i>	507
<i>Winnicott critica Fairbairn: não desbancar Freud!</i>	514
<i>O debate prossegue</i>	525
<i>Um Fairbairn vivo e reciclado</i>	537
Referências	545

“Manter teso o arco da conversa”

*Renato Mezan*¹

Respondendo em 1906 ao convite do editor Hugo Heller para indicar dez bons livros, Freud os compara a “bons amigos [...], que elogiamos diante dos outros, sem que esta relação suscite um temor reverencial, uma sensação da nossa profunda insignificância frente à grandeza alheia”.²

Por esse critério, o que Decio Gurfinkel nos oferece em *Relações de objeto* é sem dúvida um “bom” livro – e em primeiro lugar porque a sua própria relação com os autores que estuda nada tem de “temor reverencial”, que, nesse caso, significaria adesão dogmática às teses deles, como se fossem a “verdadeira psicanálise”. Ao contrário, reconhecendo com franqueza e até com admiração a “grandeza alheia”, situa-se – e situa a nós, como leitores – numa posição de diálogo entre pares, posição fundada no fato de, por

1 Psicanalista, professor titular da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae.

2 Freud, S. (1906/2003). Carta a Hugo Heller (01/11/1906). In S. P. Rouanet, *Os dez amigos de Freud* (Vol. 1, p. 12). São Paulo: Companhia das Letras. Também em Freud, S. (1974). *Epistolario* (Vol. 2, p. 44, carta 135). Barcelona: Plaza y Janet.

sermos todos psicanalistas, termos em princípio acesso a algo bastante semelhante àquilo de que eles tratam: o processo analítico em nós e em nossos pacientes, com tudo o que comporta enquanto fonte de reflexão, teorização e ensinamentos sobre a vida psíquica do ser humano.

A maneira como realiza seu projeto, porém, faz do que escreveu bem mais que meramente um “bom” livro. Enquanto tomava notas para o presente texto, ocorreu-me que é também um livro “suficientemente bom” – se tomarmos o advérbio não na acepção usual de “razoavelmente”, mas a partir do conceito bem conhecido de Winnicott quanto à mãe “presente-ausente na intensidade, no ritmo e no tempo adequados” (p. 383). Com isso, quero dizer que nos traz uma quantidade impressionante de informações, organizadas com clareza, expostas num estilo agradável, como se estivesse conversando com o leitor (por exemplo, iniciando várias frases com um coloquial “Ora, [...]”), e analisadas com a argúcia serena que caracteriza uma obra já considerável.³

Essa seria a “presença”, a marca autoral. Contudo, é a “ausência” – no caso, de qualquer pretensão de enunciar verdades definitivas e proferir julgamentos supostamente objetivos – que torna seu livro “amigável” no sentido de Freud: chama a atenção a quantidade de pontos de interrogação ao longo do texto, e especialmente nos parágrafos finais de vários capítulos, que servem como síntese do que precedeu e abrem direções para novas pesquisas.

Se ao proceder assim Decio se mostra um discípulo de Balint e Winnicott, que tanto insistiram na necessidade de o analista não ser intrusivo, o trabalho para transformar em livro uma parte do

3 Além deste, quatro livros – *A pulsão e seu objeto droga* (1996); *Do sonho ao trauma* (2001); *Sonhar, dormir e psicanalisar: viagens ao informe* (2008); *Adições: paixão e vício* (2011) –, vários capítulos em obras coletivas e diversos artigos em revistas científicas.

pós-doutorado que tive o privilégio de supervisionar na PUC-SP⁴ merece um qualificativo até mais vigoroso que “suficientemente bom”: para dizê-lo de uma vez, estamos diante de uma obra excelente, uma contribuição notável para a historiografia da psicanálise e para a psicanálise *tout court*, destinada a se tornar um clássico do campo pela abrangência da sua concepção, pela solidez do argumento e pela relevância do conteúdo para o trabalho cotidiano do psicanalista. É justo, assim, que a “elogiemos diante de todos”, já que, como continuava Freud na carta a Heller, deveremos a ela “algo do nosso conhecimento e da nossa concepção” quanto a algumas partículas presentes na “água que bebemos” durante nossa formação como analistas – e, acrescentaria eu, também na que servimos aos pacientes em nossos divãs.

O percurso a que nos convida o autor compõe-se de quatro etapas. A “Introdução” apresenta o problema, os pressupostos com que o aborda e o método de que se servirá, ancorados num contexto teórico, clínico e historiográfico construído com esmero. Segue-se uma segunda, dedicada às “fundações” do “pensamento das relações de objeto”, ou seja, a Karl Abraham e Sándor Ferenczi enquanto precursores dele, e ao “edifício” propriamente dito, constituído pela obra dos protagonistas mais importantes do Grupo Independente da Sociedade Britânica de Psicanálise, a saber Michael Balint, Ronald Fairbairn e Donald Winnicott. A etapa final, intitulada “Debates”, utiliza o exposto nas anteriores para mostrar os três “em ação”, discutindo questões que interessavam a todos e sobre as quais têm posições ora próximas, ora bastante divergentes.

Essa forma de escrever a história da psicanálise pressupõe, obviamente, grande familiaridade com o percurso individual de cada

4 *Da pulsão à relação de objeto: análise histórica das concepções psicanalíticas das adições, 2006-2009*. Uma parte dessa pesquisa originou o livro sobre as adições, outra o que o leitor tem em mãos, e uma terceira aguarda ainda as adaptações que o autor estima necessárias para dá-la a público.

autor, porém vai além disso, na medida em que atenta para o *campo* em que se inscrevem as ideias e as práticas clínicas. Nisso se distingue da opção mais frequente nos livros do gênero, que se limita a apresentar os autores uns após os outros, deixando ao leitor a tarefa de reconstituir o contexto no qual se inscrevem e no qual buscavam intervir ao formular seus conceitos e hipóteses. Para montar uma exposição desse tipo, é necessário discernir os temas em torno dos quais ocorreram tais debates, quem está próximo de quem e por que, a partir de quais pressupostos em parte herdados e em parte inovadores se organizam as diversas posições, que ecos favoráveis ou críticos cada uma produziu – em suma, fazer descerem as ideias do céu das abstrações para o plano complexo e tumultuado da vida real.

No caso da psicanálise, esse plano envolve o ambiente institucional em que transcorrem as discussões – aqui, a polarização da Sociedade Britânica em torno das “Valquírias da Psicanálise” (como John Bowlby chamava Anna Freud e Melanie Klein), às quais se opunham os Independentes, mas com que precisavam conviver – e, de modo mais geral, o que Decio denomina o “vetor transferencial” presente em toda elaboração teórica no campo de saber inaugurado por Freud. Centrando a parte final (e, a meu ver, a mais original) de *Relações de objeto* no exame de certos debates quanto às noções de libido e de objeto ele faz amplamente jus à proposta de “manter sempre teso o arco da conversa” entre os autores que estuda, e entre eles e nós.

A metáfora do arco, inspirada num verso de Caetano Veloso (“A tua presença morena”), me fez lembrar que nosso autor é também um pianista e violonista talentoso. Lendo o manuscrito, ficava à espreita de alguma outra imagem musical – e a encontrei numa passagem sobre *O brincar e a realidade*, de Winnicott (p. 372). Decio o compara a uma peça do tipo “tema e variações”, a distinguir tanto do formato “suíte” (de danças ou estudos, tão cultivado desde Bach até os compositores românticos), próprio a coletâneas “nas quais o

compromisso temático não é tão evidente”, quanto do gênero “sonata”, com sua arquitetura em movimentos que exploram o potencial de células melódico-rítmicas contrastantes, de hábito ouvidas já no primeiro e mais amplo deles.

Ora, é essa a estrutura de *Relações de objeto*. A introdução pode ser vista como análoga ao *allegro* inicial da sonata clássica, expondo e desenvolvendo dois temas que o atravessarão de ponta a ponta: a constituição e a difusão do “pensamento das relações de objeto”, e um ponto de vista próprio sobre a história da psicanálise em geral, na qual aquele deve ser incluído. As seções centrais estudam, nos cinco autores mencionados, certos aspectos essenciais para a construção dessa perspectiva; seu andamento tranquilo e reflexivo se assemelha ao *adagio* da forma-sonata. Os “Debates” equivaleriam então ao rondó final, assim chamado porque seu tema retorna em círculo ou em espiral no decorrer do movimento, geralmente de caráter mais dançante – e é o que faz Decio, alternando os “pares” segundo o assunto em discussão.

Do que ele tem a dizer sobre os alicerces e os diversos andares do edifício das relações de objeto, darei uma breve ideia mais adiante. Antes, porém, convém destacar a tese que a meu ver torna seu livro um marco doravante indispensável no terreno dos estudos sobre a história da psicanálise.

Princípios, método e opções historiográficas

Se retomássemos hoje em dia o conceito de psicanálise proposto por Freud no verbete que escreveu para a *Encyclopaedia britannica*⁵

5 Freud, S. (1981/1922). Psicoanálisis. In *Obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 2, p. 2661). Madrid: Biblioteca Nueva.

– no qual a define como um método de investigação dos processos e fenômenos inconscientes, um método terapêutico para tratar das psiconeuroses, e uma disciplina científica fundamentada em ambos –, seria necessário acrescentar a estes elementos um quarto, que se referiria ao fato de os psicanalistas se terem dotado de uma forte estrutura institucional. A ela incumbe promover a troca de conhecimentos por meio de encontros periódicos (congressos, colóquios, simpósios) e de publicações (livros, revistas), e também organizar em moldes relativamente comuns à formação de quem deseja exercer o *métier*.

Esse fato, que – após décadas de existência da Associação Internacional de Psicanálise (IPA), de entidades alternativas, de milhares de livros e de inúmeras revistas nacionais e internacionais – poderia passar por natural, revela-se a uma consideração atenta o mais decisivo para os rumos que tomaram tanto a teoria quanto a prática clínica, porque nem uma nem outra foram deixadas a cargo de profissionais atuando cada um por si e seguindo caminhos submetidos apenas ao seu próprio julgamento. Nada existe de semelhante nas áreas conexas, seja na Medicina, seja nas ciências humanas: embora haja associações de psiquiatras, neurólogos, filósofos ou psicólogos, seus membros não se relacionam com elas, nem com seus mestres, colegas e discípulos da mesma maneira que os analistas com as suas instituições e com os outros analistas.

Como afirmei anteriormente, essa circunstância faz com que a história da psicanálise deva obrigatoriamente ser escrita levando em conta uma dimensão teórico-clínica – o surgimento e a evolução de conceitos, doutrinas e procedimentos técnicos – e uma dimensão que contemple as pessoas que criaram uns e outras, tanto sob o viés biográfico quanto sob o das relações que estabeleceram, no ambiente institucional, com seus antecessores e com seus contemporâneos. É essa complexa rede de fatores, na qual se interligam indivíduos,

associações afetivas e organizacionais, modos de absorver o saber já constituído e de o transformar através de inovações clínicas e conceituais, que determina aquilo que aparece na superfície como doutrinas, posições, práticas terapêuticas e de transmissão, e que cabe aos historiadores localizar, compreender e relatar em seus escritos.

Estes, por sua vez, formam mais uma dimensão da psicanálise, a da sua historiografia, na qual podemos distinguir a vertente “leiga” (autores provenientes da filosofia, das ciências sociais, da história ou dos estudos literários) e a vertente *insider* (autores psicanalistas). Neste segundo caso, o modo como desempenham sua tarefa constitui também uma intervenção no campo freudiano, intervenção que podemos caracterizar como essencialmente *política*. Com efeito, desde que Freud redigiu a “História do Movimento Psicanalítico” para justificar a exclusão de Adler e Jung, a narração dos fatos se fez acompanhar por uma visão quanto ao *sentido* da história relatada e frequentemente por uma apologia das posições do historiador (e/ou do seu grupo), cujo complemento foi, de maneira igualmente frequente, a crítica aberta ou velada das posições das quais ele discordava. Em outros termos, a forma como se vê o passado da disciplina está longe de ser neutra, porque é tributária de uma concepção do que deve ser a psicanálise, e, portanto, também do que ela *não* deve ser.

De modo geral, e sem que essas visões se expressem necessariamente em obras que trazem no título as palavras “história da psicanálise”, elas levaram a duas posturas antagônicas. A primeira é a que expus acima, e predominou na “era das escolas” – o período que se seguiu à morte de Freud (1939), quando o que eram até então tendências de opinião mais ou menos coesas se cristalizaram em agrupamentos rivais, cada qual pretendendo ser o herdeiro legítimo do fundador e excluindo os demais dessa privilegiada categoria.

Assim se solidificaram oposições rígidas segundo um eixo “certo/errado”, com as consequências esperáveis de intolerância recíproca e de alergia ao que não proviesse do grupo em questão. Kleinianos acusavam os adeptos da *ego-psychology* de, por serem surdos ao clamor do arcaico, praticarem uma psicanálise estagnada; estes retrucavam considerando as inovações dos adversários pouco fundamentadas, e beirando a não psicanálise (o volume de mais de mil páginas contendo as “Discussões Controversas” que tiveram lugar em Londres durante a guerra é prova suficiente do que estou afirmando). Na década de 1950, Lacan estimagtizou as duas escolas como responsáveis por “desvios” que teriam amortecido o gume das revolucionárias descobertas de Freud (“o sentido de um retorno a Freud é o retorno ao sentido de Freud”, lemos em “La chose freudienne”). Nesse clima sufocante, os membros do Grupo Independente da Sociedade Britânica procuraram não se constituir numa escola, mas sua voz minoritária levou bastante tempo para se fazer ouvir.

A segunda postura frente ao passado da psicanálise parte da recusa dessa visão estreita, e busca reparar os equívocos dela derivados, visando recuperar o que Decio Gurfinkel – que se inclui nessa corrente – chama ao longo do seu livro de “dialética sutil da continuidade e da ruptura”. Entre diversas passagens que afirmam com vigor essa ideia, destaco uma logo no início dele, que dá o tom de todo o resto:

o desenvolvimento da psicanálise não se dá de modo linear, e sim por meio de movimentos variados, muitas vezes paralelos – que se desconhecem ou não se reconhecem entre si –, outras vezes por meio de diálogos intensos ou de confrontos violentos, mas sempre de modo descontínuo, irregular e contraditório. (p. 52)

Essa posição de princípio não é menos política que a outra – pois visa promover entre os analistas uma atitude de respeito e tolerância com outras formas de pensar e de trabalhar no interior de um território comum, o que é claramente um gesto político – e é infinitamente preferível também como opção metodológica para se orientar em meio à multiplicidade de pensamentos e de práticas que compõem a psicanálise.

Isto posto, ele escolhe como mapa para a sua viagem pela história das teorias *stricto sensu* a leitura de Jay Greenberg e Stephen Mitchell em *Object relations in psychoanalytic theory* (1983), que a vê como balizada por dois grandes modelos da psique: um que acen-tua as fontes endógenas e tem como centro de gravidade o conceito de pulsão, e outro que toma como fulcro da vida psíquica as relações com os outros reais, que “codeterminam estruturalmente” a formação da personalidade (p. 37). Para os autores americanos, esse segundo modelo, também conhecido como “das relações de objeto”, surgiu como contraponto à unilateralidade do primeiro, que via esses “outros” primariamente como base para a formação de objetos *internos* e como meio para o alívio das tensões originadas na dinâmica pulsional.

A história das teorias psicanalíticas seria então a da formação e do desenvolvimento desses dois modelos, resultando ora em novas proposições no interior de cada um, ora em “acomodações” no primeiro para dar conta de processos e fenômenos ininteligíveis sob a ótica da sua versão “dura e pura”, ora na criação de modelos “mistos”, construídos com elementos de ambos. Embora assinalando que certas afirmações de Greenberg e Mitchell devem ser “atualizadas, revisadas, complementadas ou retificadas”, é a tese deles que constitui o “princípio metodológico” da obra de Decio, a lente pela qual examina a contribuição dos autores que seleciona e estabelece entre eles relações de filiação, de convergência ou de divergência.

Por sua fecundidade heurística e por sua adequação geral ao território que mapeia, o elegante “planisfério” de Greenberg e Mitchell foi adotado pela maioria dos autores que depois deles se ocuparam com a história das ideias psicanalíticas, entre os quais, no Brasil, Luís Cláudio Figueiredo, Carmem Lucia Valladares, Leopoldo Fulgêncio e eu mesmo. Outros, como Željko Loparić, a revisitaram a partir de pressupostos diferentes. Amparado numa bibliografia vasta e atualizada, Decio dedica boa parte da “Introdução” a precisar sua posição frente aos seus *compagnons de route*; leitor atento e respeitoso, mesmo quando diverge de um de nós fundamenta suas reservas em argumentos que merecem atenção, por exemplo ao analisar o “novo paradigma” elaborado por Loparić, ou certas consequências indesejáveis do que, com Pontalis, denomina o “efeito Winnicott”.

No que me diz respeito, como quanto à concepção geral do passado da disciplina e quanto à existência de ao menos duas vertentes igualmente legítimas na teorização e nas implicações clínicas estamos de acordo, considero uma bem-vinda contribuição às hipóteses que apresentei em *O tronco e os ramos*⁶ a sua sugestão de ampliar o número de matrizes clínicas que servem de base aos modelos metapsicológicos herdados de Freud, nelas incluindo a do fetichismo e a das neuroses atuais. Por outro lado, não me parece conveniente renunciar ao conceito de paradigma, porque é neste nível máximo de abrangência conceitual que penso deverem ser situados, como espécies num gênero, os modelos metapsicológicos derivados das matrizes clínicas. Para que o leitor possa formar sua própria opinião sobre esse ponto, convém esclarecer ao que se referem essas expressões.

O conceito de paradigma cunhado por Thomas Kuhn designa uma matriz geradora de conceitos em vários níveis, de hipóteses gerais e de teorias regionais sobre a natureza do que constitui o

6 Mezan, R. (2014). São Paulo: Companhia das Letras.

objeto da disciplina, de procedimentos de validação e de refutação dos conhecimentos que ela obtém, etc. No caso da psicanálise, considero que decisões sobre quais são esses elementos e por que devem ser eles e não outros os *building blocks*⁷ da psique humana originam os dois paradigmas pulsional e objetal, e talvez um terceiro, o subjetal, cujos lineamentos encontraríamos sobretudo na obra madura de Lacan. Um paradigma seria assim o marco mais amplo de um conjunto de ideias que podem ser abraçadas por diversas escolas e por diversos autores, estes eventualmente começando por adotar um e, ao longo da sua obra, evoluindo para posições diferentes, talvez mais matizadas e complexas.

O termo “matriz clínica” se refere a certas organizações psicopatológicas que serviram a Freud para construir modelos metapsicológicos, nos quais se combinam certos elementos particularmente evidentes em cada uma delas. A primeira função desses modelos é dar conta da origem, dos componentes e da acessibilidade à terapia psicanalítica das afecções em questão, mas em suas mãos eles ganharam outra, bem mais importante – a de *prismas* através dos quais ele concebe, em diferentes momentos da sua obra, a *totalidade* do funcionamento psíquico. É importante aqui ressaltar que são os modelos teóricos, e não as matrizes clínicas das quais eles se originam, que servem como lente, ferramenta, instrumento ou que outra metáfora se prefira para compreender e eventualmente modificar o que nossos pacientes trazem consigo quando nos procuram.

Paul Bercherie, de quem emprestei essa ideia, sugeriu vincular cada uma das quatro grandes tendências da psicanálise pós-freudiana a um desses modelos. Sua proposta me pareceu extremamente instigante, porque lança uma ponte compreensível entre elas e o trabalho de Freud. Assim como Decio em relação a Greenberg e Mitchell, aceito-a como fundamento geral para discernir os movimentos de

7 Tijolos fundamentais, como os chamam Greenberg e Mitchell.

continuidade e de ruptura no âmbito da psicanálise, mas faço reparos (que não vêm ao caso agora) a algumas afirmações específicas do autor francês ao relacionar tal modelo a tal escola.

Esclarecida a terminologia, voltemos à sugestão de Decio quanto a ampliar o número de matrizes clínicas. A questão está longe de ser bizantina: ao contrário, representa de modo condensado um dos pilares do formidável esforço de pensamento que resultou no seu livro. Por que considerar o fetichismo e as neuroses atuais como análogos às estruturas psicopatológicas já mencionadas? Porque, ao estudá-las, Freud se deparou com um mecanismo de defesa (a dissociação do ego, que reconheceu no fetichismo) e com uma relação entre os sintomas e o passado do indivíduo diferente da que prevalece nas psiconeuroses (que identificou nas neuroses atuais). Ora, nem um nem outra são redutíveis aos, ou deriváveis dos, fatores equivalentes na gênese destas últimas – respectivamente, a intensidade e a mobilidade da libido na histeria, a retração narcísica nas psicoses, o ódio na neurose obsessiva, e a identificação na melancolia.

Se é certo que nosso pai comum foi o primeiro a descrever e conceituar tais fatores, formulando a respeito deles ideias extremamente fecundas, por outro lado não creio que essas duas patologias tenham representado, *para ele*, matrizes clínicas em sentido estrito: não chegaram a constituir prismas através dos quais tenha considerado o conjunto dos processos psíquicos. No máximo, se poderia dizer que construiu modelos metapsicológicos para dar conta da gênese e do modo de formação dos sintomas que as caracterizam – mas isso não basta para os alçar à categoria de *modelos gerais da psique* distintos dos quatro estudados por Bercherie e por mim.

Decio, aliás, concorda com essa avaliação⁸ – e isso me permite sugerir que poderia avançar um pouco mais na sua tese. Com efeito,

8 Cf. p. 104.

o que realiza neste livro permite pensar que o fetichismo e as neuroses atuais tenham fornecido as primeiras matrizes clínicas *genuinamente pós-freudianas*: o fato de Freud ter investigado essas formas de organização psíquica – como aliás quase tudo com que nos deparamos em nosso trabalho clínico – não invalida o fato de que só nas mãos das três gerações seguintes elas ganharam tal estatuto. Isso porque foram Melanie Klein e Winnicott que utilizaram a dissociação (a grande vedete de *Relações de objeto*) para compreender processos que, *em Freud*, não estão diretamente ligados a ela, como as psicoses, e autores da terceira geração, como Pierre Marty e André Green, que transformaram o que para Freud era uma ausência de vínculo entre sintomas das neuroses atuais e o passado infantil numa grave deficiência da simbolização, tida agora como responsável pelas afecções psicossomáticas e por determinados aspectos das adicções e dos estados-limite.

Decio já havia apresentado em escritos anteriores a ideia de uma *clínica da dissociação*, diferente da do recalçamento, e que coloca ao analista problemas e tarefas terapêuticas diferentes das que encontra na esfera das psiconeuroses. No livro que estamos comentando, dá um passo além e sugere compreender a história da psicanálise como um “interjogo” entre ambas (p. 388). Essa proposta me parece ser a principal novidade do seu livro, tão pródigo em informações e finas análises. Ela traz mais coerência ao desenho da evolução da disciplina, porque entre o trabalho de Freud e o dos seus sucessores lança uma ponte mais larga e mais sutil do que a sugerida por Bercherie.

O passo adiante na tese historiográfica de Decio seria então considerar que, a partir de indicações que na obra de Freud não chegaram a se organizar como modelos gerais da psique, os pós-freudianos criaram os seus com base em matrizes compatíveis com as herdadas dele – e por isso psicanalíticas. Não creio que seria

ceder à tentação do “espírito de sistema”⁹ se chamarmos a matriz teórica que engendra esses novos modelos de *paradigma objetual – objetual* porque o pilar fundamental dele é uma concepção do objeto nova em relação à que caracteriza o paradigma pulsional, e *paradigma* porque se situa num nível de abstração conceitual mais elevado que aquele no qual se encontram os modelos gerais da psique que possibilita construir. Entre estes se situam os que Decio reúne sob a rubrica do “pensamento das relações de objeto”, mas também outros, como o que resulta da primeira teoria do sujeito elaborada por Lacan (cujo centro é a noção de fase do espelho), o da sedução originária de Laplanche, talvez o da grupalidade de René Kaës, e assim por diante.

O “pensamento das relações de objeto”

Concluída a apresentação do primeiro tema da sonata composta por Decio, passemos ao exame do segundo. Aqui também, com mão de mestre, sustenta uma tese, desta vez quanto ao cerne mesmo do assunto: a partir de indicações na obra de Abraham, e de bem mais do que isso na de Ferenczi, o pensamento das relações de objeto se constitui e atinge a maturidade com os “três mosqueiteiros”¹⁰ que viveram na Grã-Bretanha, cujo trabalho, por sua vez, é uma das fontes do de muitos autores da terceira e da quarta gerações – André Green, Jean-Bertrand Pontalis, Joyce McDougall, Otto Kernberg, Thomas Ogden, Christopher Bollas, René Kaës, e outros. Alguns o vêm articulando ao paradigma pulsional herdado

9 Que, para Nietzsche, era uma “falta de probidade” (*Crepúsculo dos ídolos*, I, 26).

10 A associação cabe aqui, pois se opunham ao equivalente aos guardas do cardeal Richelieu (os grupos de Anna Freud e Melanie Klein). Mas só até certo ponto: embora próximos por suas visões da psique e do trabalho analítico, nenhum deles concordaria com o lema “um por todos, todos por um”.

de Freud, gerando modelos mistos no sentido de Greenberg e Mitchell – porém, explica Decio, o estudo mais apurado do que vêm pensando ficará para uma outra publicação.

Mas por que, se perguntará o leitor, falar em “pensamento” em vez do usual “escola” das relações de objeto? No plano dos fatos, porque os integrantes do *Middle Group*, preocupados em não cair na vala comum do dogmatismo imperante na Sociedade Britânica, fizeram um “esforço ativo para *não* formar uma escola”. Segundo, e mais importante como ilustração da maneira como Decio concebe a história da psicanálise, porque estamos diante de uma tendência que “*atravessou* diversas camadas cronológicas, geográficas e auto-raís” (p. 110), e que ilumina bem a “dialética sutil” que a estrutura. Ainda hoje “atravessando as fronteiras dos vários territórios psicanalíticos”, esse fruto do trabalho teórico de Balint, Fairbairn e Winnicott se apresenta ao mesmo tempo como *positividade* (afirmando certas teses no setores da metapsicologia, do desenvolvimento, da psicopatologia e da teoria do processo analítico), como *negatividade* (opondo-se à primazia dos fatores endógenos própria ao paradigma pulsional), e como *síntese* (pois retoma “sementes” lançadas por Freud a partir de *Luto e melancolia*, quando passa a se interessar mais pela problemática do objeto, e se defronta com algumas questões insolúveis na versão mais radical do paradigma ao qual aderiu em todo o seu percurso).

Trata-se então de mostrar as raízes desse pensamento em Freud – essencialmente, o conceito de identificação e as aporias da noção de narcisismo primário – e no que nosso autor considera uma “camada intermediária” entre essas raízes e os desenvolvimentos dos três arquitetos do “edifício”: as implicações da análise do caráter por Abraham, e as consequências teóricas e clínicas do trabalho de Ferenczi. Decio precisa que não irá realizar uma leitura completa da obra desses dois “precursores”, ainda que o extenso capítulo dedicado

ao mestre de Budapeste se aproxime bastante disso, ao menos no tocante aos artigos que escreveu em seus últimos anos. O que pretende é destacar aquilo que neles serve como âncora para as posições posteriormente defendidas pelos Independentes.

A contribuição de Ferenczi nesse processo é mais evidente: ao dar a importância que se sabe ao trauma, que se impôs a ele pelo estado por assim dizer em carne viva emocional dos pacientes que atendia, foi levado a refletir sobre o papel determinante do adulto cruel na constituição do psiquismo da criança seduzida, maltratada ou mal acolhida. Buscando minorar o sofrimento de pessoas traumatizadas pela violência dessas experiências, desenvolveu uma abordagem que lhes permitisse regredir até esses momentos cruciais da sua infância, o que lhe valeu reprimendas da parte de Freud. O tema da criança ferida por falhas nos cuidados a ela dispensados (ainda que involuntárias, ou devidas à patologia da mãe, quer depressiva quer psicótica), assim como o das possibilidades terapêuticas da regressão, foi explorado por Balint e por Winnicott, numa linha de filiação muito bem iluminada por nosso autor. Mas o fato de trabalhar com elementos relativamente bem conhecidos faz com que aqui haja menos espaço para contribuições originais por parte dele: elas vão surgir com maior clareza na parte dedicada a um dos textos mais importantes e por muito tempo menos valorizados de Ferenczi, a saber *Thalassa*.

Já o capítulo sobre Abraham contém algumas das análises mais perspicazes que encontramos em *Relações de objeto*. Após um retrospecto da origem e da evolução da noção de caráter, Decio nos oferece um estudo com lupa da *História da libido* e dos três artigos em que Abraham abre caminho para um aspecto fundamental do conceito de relação de objeto, ao descrever os estágios libidinais como contendo *modos de apreensão* do objeto. O ponto de partida para esse movimento está em perceber que, na passagem pela fase anal,

a criança começa a substituir “uma satisfação autoerótica e narcísica por uma satisfação advinda da relação com o outro” (p. 136). Embora opere claramente no interior do paradigma pulsional, o mestre de Berlim introduz aqui uma observação que vai no sentido das teorias subsequentes – a de que há um “fator intersubjetivo” no desenvolvimento infantil (p. 152), a ser levado em conta como condição tanto favorável quanto possivelmente prejudicial. Esse fator não tem em seu pensamento a mesma importância que adquirirá posteriormente, mas é inegável que, combinado com a ideia de mecanismos que comportam uma dimensão intersubjetiva (incorporação, projeção) e com a de esquemas mentais derivados das trocas corporais, resulta em algo bem mais próximo do paradigma objetal do que jamais chegou Freud.

Além disso, o capítulo inaugura no livro uma linha subsidiária de grande interesse para o analista praticante: a dos comentários clínicos, que à maneira de uma mão esquerda no piano virão dar “volume harmônico” a diversos momentos de cunho mais teórico. Refiro-me às páginas que tratam do “campo clínico das adições”, no qual segundo Decio Abraham foi um pioneiro até hoje pouco reconhecido, e que ele próprio vem cultivando desde os tempos do mestrado. Conclusão: por “estranho”¹¹ que possa parecer à primeira vista, Abraham é sem dúvida um elo essencial na corrente que conduz ao pensamento das relações de objeto.

Segunda conclusão, desta feita reforçando a sua tese sobre a dialética sutil operante na história da psicanálise: tanto Abraham quanto Ferenczi se empenharam numa “proposta de desdobramento do marco fundamental fincado por Freud”, supondo portanto situar-se numa linha de *continuidade* com as doutrinas do fundador. Contudo – e aqui está a marca da dialética –, “Se os *Três ensaios para uma teoria da sexualidade* de Freud foram [...] o ápice do modelo pulsional,

11 Cf. p. 151.

foram justamente as releituras de Abraham e de Ferenczi *desta mesma pedra fundamental* que criaram, paradoxalmente, aberturas potenciais em direção ao modelo relacional” (pp. 234-235, grifo meu).

Abraham morreu em 1925, e Ferenczi em 1933. Só podemos especular quais rumos tomariam suas ideias se lhes tivesse sido dado presenciar os debates dos anos 1930 e 1940 a respeito dos estágios mais precoces do desenvolvimento psíquico. Neles tiveram papel de destaque dois discípulos deles, respectivamente Melanie Klein e Michael Balint, em cujo pensamento a noção de relação de objeto veio a ocupar um lugar central. Todavia, ela não tem o mesmo sentido em ambos: embora frequente sob a pena de Klein, para ela trata-se do vínculo com e entre objetos internos, moldados pelo jogo das pulsões e pelas fantasias inconscientes a elas associadas, enquanto desde o início das suas pesquisas Balint se interessa pela ligação do bebê com a mãe real.

Até 1939, ele viveu em Budapeste, e foi ali que, na qualidade de herdeiro intelectual de Ferenczi, lançou as bases de um dos modelos pertencentes ao que chamo de paradigma *objetal/relacional* – um deles, porque, como fica claro à leitura do livro de Decio, há pelo menos três: o balintiano, o de Fairbairn e o de Winnicott.

O próprio Balint, em *A falha básica* (1968), localiza como ponto do qual partiu a noção de *amor objetal passivo*, que se encontra no capítulo de *Thalassa* sobre a evolução do sentido de realidade. Para Ferenczi, o bebê almeja ser amado pela mãe, e não, como na perspectiva freudiana, livrar-se das excitações recriando o estado original de repouso e fechamento sobre si mesmo chamado “narcisismo primário”. Dois dos artigos mais inovadores escritos no período húngaro visam exatamente remover do vocabulário analítico esse conceito – que ele considera ter cumprido uma função nos tempos iniciais da psicanálise, mas se tornado inútil e mesmo pernicioso frente a desenvolvimentos ulteriores. Essa posição se apoia nos ensinamentos

da clínica – mesmo na regressão mais profunda durante a análise não se chega a observar nada parecido com o suposto narcisismo primário – e num exame rigoroso dos argumentos aduzidos em favor da existência efetiva de uma etapa, ainda que breve, na qual o bebê não se conectaria de modo algum com o mundo exterior.¹²

A crítica balintiana ao narcisismo primário dará o tom de todo o pensamento das relações de objeto. Uma de suas implicações é que um entorno inadequado nos primeiros meses de vida (leia-se uma mãe incapaz de cuidar psiquicamente do seu filho) pode causar uma falha básica (*Grundstörung*), com consequências devastadoras para toda a existência do indivíduo, e para cuja reparação eventual se exigirão na análise dele técnicas capazes de favorecer a regressão, até onde for possível, rumo a esses momentos cruciais do passado.

Indo além de Ferenczi nesse particular, Balint distingue a regressão benigna da variante maligna – e assim encontra ancoragem para outro aspecto do seu trabalho, que Decio destaca e que a meu ver é do maior interesse para a história da psicanálise: o esforço para superar os resíduos traumáticos deixados no movimento analítico pelo desentendimento entre seu mestre e Freud, que por várias décadas praticamente baniram a obra daquele do cenário psicanalítico “oficial”. Como prefaciador da edição francesa das *Obras Completas*, e como editor/tradutor para o inglês do *Diário Clínico*, foi ele um dos artífices da recuperação do legado ferencziano, que desde então vem sendo absorvido pelas novas gerações – a ponto de, segundo Decio, fazer hoje parte da “água que bebemos”.

A obra madura de Balint, e essa tarefa de resgate, se situam nos anos 1950 e 1960. Antes disso, outro fio do pensamento das

12 Cf. “Critical notes on the theory of pregenital organizations of the libido” (1935) e “Early developmental states of the ego; primary love” (1937), em *Primary love and psychoanalytic technique*, Londres, Maresfield Library, 1968 [1952], especialmente p. 103 e seguintes.

relações de objeto foi sendo tecido por William Ronald Fairbairn, cujo trabalho resultou na versão mais radical dele. Isolado em Edimburgo, portanto pensando longe do tumulto e das querelas londrinas, Fairbairn redigiu na década de 1940 uma série de artigos¹³ nos quais propõe recentrar o conjunto da teoria psicanalítica em torno de um foco novo: o da busca do objeto como motor essencial da vida psíquica. “A libido não procura prazer, procura objetos”: as consequências dessa ideia são de imenso alcance, levando a uma ampla reformulação da metapsicologia, da teoria do desenvolvimento e da psicopatologia, vista agora como decorrente das diversas maneiras de rejeitar o objeto. Muito sumariamente, pode-se dizer que as que se situam na fase mais precoce produzem as estruturas melancólicas e esquizoides, enquanto as próprias de uma segunda etapa conduzem às organizações paranoides e neuróticas (neurose obsessiva, histeria e fobia).

O estudo de Fairbairn a que procede nosso autor – primeiro num capítulo específico, depois na última parte do livro – impressiona pela abrangência e pela serenidade. Abrangência porque, ao lado de informações biográficas provavelmente novas para a maioria dos leitores, da discussão aprofundada das questões que se colocou e das soluções que ofereceu para elas, encontramos nessas páginas um balanço muito elucidativo da contribuição do analista escocês para a psicanálise atual. E serenidade, porque evita os escolhos gêmeos de jogar fora o bebê junto com a água do banho – aqui representada pela crítica exacerbada de Fairbairn a Freud, que certamente tornou mais difícil a assimilação do seu pensamento e mais fácil descartá-lo por “pretender substituir Freud” – e de aceitar sem reservas tudo o que ele propôs.

13 Reunidos em 1952 no volume *Psychoanalytic studies of personality*, o único publicado durante sua vida.

Como de hábito, Decio o situa no seu contexto, por exemplo recordando que Melanie Klein incorporou a análise fairbairniana da esquizoidia ao seu conceito inicial de posição paranoide, ou a resenha do seu livro por Winnicott e Massud Khan. Fairbairn se ressentiu bastante do limitado eco produzido por suas inovações, que seus colegas do *Middle Group* aceitaram apenas em parte, e que os kleinianos rejeitaram energicamente. Seus escritos posteriores aos *Studies* tiveram igualmente impacto ínfimo nos debates que agitaram a Sociedade Britânica, e, após seu falecimento em 1964, pouco se falou deles. Foi somente com a publicação do livro de Greenberg e Mitchell (1983), para os quais ele é o principal formulador do paradigma objetal, que seu papel na história da psicanálise começou a ser melhor compreendido. A isso sucedeu uma biografia escrita por seu colega e discípulo John Sutherland (1989), e a publicação dos *Selected papers* (1994), com o que se tornou possível formar uma ideia de conjunto da sua trajetória. Não é um dos menores méritos de *Relações de objeto* oferecer uma leitura atenta dessa obra tão original, e até hoje tão pouco conhecida entre nós.

A discussão por Decio do trabalho de Winnicott me fez pensar no aforisma de Bergson segundo o qual toda filosofia se concentra num ponto único, “sua ideia inicial e central”,¹⁴ da qual todo o resto é a explicitação: o capítulo que lhe dedica sustenta que o essencial dele se ancora no conceito de transicionalidade, comparável ao de fase do espelho para Lacan ou ao de posição depressiva para Melanie Klein – “são invenções resultantes de um lento processo de elaboração, e que provocaram, após sua emergência, uma reordenação de grande envergadura no campo da teorização psicanalítica” (p. 358).

Assim como para Balint e Fairbairn, temos uma seção inicial sobre a vida e a trajetória do autor, destacando a importância da

14 *Essai sur les données immédiates de la conscience* (1888).

atividade de pediatra e do contato com Melanie Klein para a constituição da sua maneira de pensar e de clinicar. Após duas longas análises (com James Strachey e Joan Riviere), e de uma supervisão de seis anos com a Grande Dama, o “ciclo de maturidade” de Winnicott começa com o artigo sobre os objetos e fenômenos transicionais (publicado em 1953), e se estende “de modo espantosamente fértil”¹⁵ até sua morte, em 1971. Esse artigo marca o seu afastamento do grupo kleiniano, do qual fizera parte até então. Decio traça o doloroso movimento que o levou a essa posição mais autônoma, e analisa as diferentes versões do texto, retomando inclusive o debate de Winnicott com o psicanalista russo-israelense Moshe Wulff, que em 1946 havia descrito um fenômeno bastante curioso ao qual chamara “fetichismo infantil”.¹⁶

A leitura do artigo de Wulff, além de muito arguta, ressalta um aspecto sempre digno de nota quando estudamos o modo como se produzem inovações importantes, seja em psicanálise, seja em qualquer outro campo de estudos. Wulff relata observações suas e de outros analistas a respeito da ligação das crianças com coisas como o “cobertor mágico”, um penico, e outras, bem semelhantes ao que Winnicott descreverá no seu texto. Sua explicação para o apego a elas, “sutil e bastante criativa” (p. 379), se baseia no paradigma pulsional (o objeto-fetichismo como substituto do falo materno), ao mesmo tempo em que expressa certas dúvidas sobre as implicações dessa hipótese. Já Winnicott – obviamente sem usar esse vocabulário – percebe que não é possível, *dentro do paradigma pulsional*, que numa fase anterior ao complexo de castração um objeto possa desempenhar aquele papel, ou, em termos kuhnianos, que os comportamentos descritos por Wulff correspondam a uma *anomalía* inexplicável com

15 Cf. p. 363 e pp. 371-373.

16 “Fetishism and object-choice in early childhood”, do qual Decio propôs a tradução comentada e a publicação no número 40 da revista *Percurso* (2008).

os recursos daquele paradigma. Exigem portanto uma reformulação do quadro de referência – e sua análise deles o leva a formular os conceitos de *espaço transicional* e de *ilusão*, sobre os quais nos vinte anos seguintes construirá seu edifício teórico.

Note-se que, diante de fenômenos da mesma natureza, Wulff pensa em termos das transformações da libido, enquanto a sugestão de Winnicott se refere à outra grande vertente da teoria do desenvolvimento, a que trata do Eu. Ambas surgem do trabalho de Freud, mas é inegável que ele avançou muito mais no que se refere à primeira que no tocante à segunda – algo que, aliás, reconhece explicitamente nos anos 1920, ao afirmar que o estágio alcançado pela nova ciência estava a exigir uma “psicanálise do ego”. Esta será, com efeito, a direção das tendências pós-freudianas, cada qual a seu modo – assim surgirão, além do “pensamento das relações de objeto”, a *ego-psychology*, a teoria kleiniana do ego, e, na França, os primeiros estudos de Lacan.

Com efeito, os teóricos estudados por Decio conferem à evolução do Eu um lugar mais eminente que o delegado à da libido, ou, para ser mais exato, compreendem o desenvolvimento libidinal à luz do sujeito como um todo, enquanto os adeptos do paradigma pulsional fazem o inverso – para eles, os processos na esfera libidinal (= pulsional) comandam os que afetam o ego. A diferença é de peso, e relevante para entendermos por que Winnicott irá propor uma teoria do *self*, construto conceitual que não tem paralelo no paradigma pulsional.

A temática do ser autêntico e do viver criativo, que ocupa lugar proeminente no pensamento maduro de Winnicott, é o que permite a Željko Loparić aproximá-lo da visão do homem em Heidegger, e sugerir que com ele a psicanálise encontra um paradigma capaz de substituir o freudiano – “o andarilho no leito da mãe” (Édipo) é substituído pelo pós-metafísico “bebê no colo da mãe”. Em suma,

sem se dar conta disso, Winnicott teria realizado melhor que Binswanger o projeto de uma *Daseinanalyse* enfim consistente.

Não é esse o ponto de vista de Decio, como fica claro pelo amplo espaço que concede às relações do *teórico* Winnicott com seus predecessores: Freud, Klein e – ainda que não reconhecido até bem tarde em sua vida – Ferenczi. O resultado dessas análises é um salutar contraponto à tendência de retirar Winnicott – e qualquer outro pensador importante na psicanálise – do contexto efetivo no qual surge, evolui e intervém. Nem de Freud se pode dizer que pense sozinho: sabemos pela correspondência com Abraham e Ferenczi o papel que esses interlocutores tiveram na formulação dos conceitos de oralidade e de princípio regressivo, tão importantes no sistema freudiano.

E não é só a história da nossa disciplina que precisa levar em conta essas relações complexas: é também a sua epistemologia. Decio relembra uma antiga sugestão minha quanto à conveniência de construirmos uma epistemologia regional da psicanálise, na qual alguns aspectos específicos não podem ser ignorados – o que não é de admirar, se com Gérard Lebrun considerarmos que toda epistemologia é de certo modo regional, ou seja, refere-se à maneira como cada disciplina organiza seu campo de conhecimento. É isso que a distingue do que o filósofo francês chamava de “teoria racionalista da ciência”. Sobre essa epistemologia regional, objeto aliás de estudos recentes de Leopoldo Fulgêncio, Decio afirma sem meias palavras que

O vetor transferência é o mais poderoso e específico [...]. A luta pessoal de cada grande teórico para compor a tradição herdada com sua própria busca de inovação e descoberta é uma constante, e cada um deles teve de se deparar, nessa luta, com os “restos transferenciais” das relações com seus analistas, supervisores, mestres idealizados [...], pares aliados e/ou pares rivais etc. (p. 124)

Ora, como investigar essa dimensão da construção *conceitual* em psicanálise, se começamos por colocar entre parênteses essas relações, tão decisivas para o teórico? Pois elas não operam somente no plano emocional: as questões que o inquietam, os instrumentos para as pensar, o laboratório em que ocorrem os fenômenos que o motivam a pesquisar – ou seja, a situação analítica em seus diversos *settings* –, nada disso é invenção exclusiva do pesquisador: parafrazeando Napoleão ao se dirigir aos soldados franceses no Egito,¹⁷ “da janela do teu consultório, várias gerações de analistas te contemplam”.

Nesse sentido, a parte final de *Relações de objeto* é exemplar, porque nos mostra os três Independentes discutindo entre si, com Freud e com seus contemporâneos, em especial os kleinianos. Ou seja, no interior da psicanálise real, tal como se apresentava na sua época. Os dois capítulos que a compõem, além de muito informativos, permitem ver como não apenas o “estado da arte” determina as questões a investigar, mas ainda como certas respostas a elas as fazem evoluir, porque as solicitam para pensar coisas novas. Assim, descobrimos Winnicott examinando a pulsão sexual a partir da noção de excitação, e muito provavelmente também por razões pessoais (suas indagações têm como horizonte condições cardiopáticas como a de que ele sofria). Da mesma forma, vemos emergir as concordâncias e discordâncias dele e de Balint frente à posição ultramontana de Fairbairn sobre o princípio de prazer, e em geral quanto à busca do objeto.

Para concluir este aperitivo do que o leitor encontrará no livro de Decio, passo-lhe a palavra, citando uma passagem que me parece resumir o essencial do que ele tem a nos dizer:

17 “Do alto dessas pirâmides, quarenta séculos vos contemplam.”

Uma estratégia que me parece boa é [...] buscar compreender as relações de continuidade e de ruptura, de convergências e de divergências, construindo um diálogo possível entre os diversos sistemas [...]. Tratar tais movimentos em termos de tensão dialética entre o modelo pulsional e o relacional respeita a complexidade desta realidade conceitual multifacetada, ao mesmo tempo que discrimina pressupostos e perspectivas bastante diferentes e reconhece a importante transformação conceitual que significou a introdução paulatina do conceito de relação de objeto na teorização psicanalítica. (p. 118)

Sem dúvida, uma postura que “mantém teso o arco da conversa”, porque reconhece que *há conversa*, não cacofonia, nem uma voz suprema por cujo intermédio se realize enfim a epifania da verdade. Num campo cujo passado comportou tanto sectarismo e tanta intolerância, a lucidez que perpassa seu livro é uma bem-vinda vacina contra essas doenças infantis do pensamento.



Clique aqui e:

[Veja na loja](#)

Relações de Objeto

Decio Gurfinkel

ISBN: 9788521212171

Páginas: 568

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2017

Peso: 0.610 kg
